

Se você quer ler a entrevista concedida por Roger Chartier à Revista Nova Escola, clique aqui.

Se quiser saber qual o espaço que os autores e livros recentemente premiados ocupam em nossas Bibliotecas, clique aqui.

Quer ter acesso à relação dos 817 livros novos inseridos, entre julho e outubro de 2007, em nossas bibliotecas? Clique em [Últimas aquisições](#). As publicações estão divididas de acordo com as Unidades e estão dispostas em ordem alfabética de título.

Os livros resistirão às tecnologias digitais?



Como era, no passado, o contato das crianças e dos jovens com a leitura?

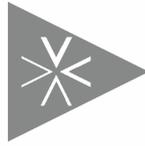
A literatura se restringia às peças teatrais. As representações públicas em Londres, como podemos ver nas últimas cenas do filme *Shakespeare Apaixonado*, e nas arenas da Espanha são exemplos disso.

Já nos séculos 19 e 20, as crianças e os jovens conheciam a literatura por meio de exercícios escolares: leitura de trechos de obras, recitações, cópias e produções que imitavam o estilo de autores antigos, como as famosas cartas da escritora Madame de Sévigné (1626-1696) e as fábulas de La Fontaine (1621-1695).

Nos séculos 19 e 20, as crianças e os jovens conheciam a literatura por meio de exercícios escolares.

Quando a leitura se tornou popular?

No século 19, surgiu um novo contingente de leitores: crianças, mulheres e trabalhadores. Para esses novos públicos, os editores lançaram livros escolares, revistas e jornais. Porém, desde o século 16, existiam livros populares na Europa: a literatura de cordel na Espanha e em Portugal, os chapbooks (pequenos livros comercializados por vendedores ambulantes) na Inglaterra e a Biblioteca Azul (acervo que circulava em regiões remotas) na França. Por outro lado, certos leitores mais alfabetizados que os demais se apropriaram dos textos lidos pelas elites. O livro *O Queijo e os Vermes*, do italiano Carlo Guinzburg, publicado em 1980, relata as leituras de um moleiro do século 16.



As práticas atuais de leitura têm relação com as práticas do passado?

É claro. Na Renascença, por exemplo, a leitura e a escrita eram acessíveis a poucas pessoas, que utilizavam uma técnica conhecida como *loci communes*, ou lugares-comuns, ou seja, exemplos a serem seguidos e imitados. O leitor assinalava nos textos trechos para copiar, fazia marcações nas margens dos livros e anotações num caderno para usar essas citações nas próprias produções. No século 16, editores publicaram compilações de lugares-comuns para facilitar a tarefa dos leitores, como fez o filósofo Erasmo de Roterdã (1466-1536).

Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes (1547-1616), era lido em silêncio, como hoje, mas também em voz alta, capítulo por capítulo, para platéias de ouvintes.

Em que medida compreender essas e outras práticas sociais de leitura pode transformar a relação com os textos escritos?

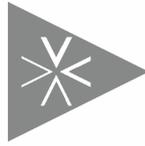
Os estudos da história da leitura costumam esquecer dois importantes elementos: o suporte material dos textos e as variadas formas de ler. Eles são decisivos para a construção de sentido e interpretação da leitura em qualquer época. *Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes (1547-1616)*, era lido em silêncio, como hoje, mas também em voz alta, capítulo por capítulo, para platéias de ouvintes. Todas as pesquisas nessa área formam um patrimônio comum com o qual os professores podem construir estratégias pedagógicas, considerando as práticas de leitura.

Que papel a literatura ocupa na Educação atual?

A escola se afastou da literatura, principalmente no Brasil, porque está preocupada em oferecer ao maior número possível de crianças as habilidades básicas de leitura e escrita. Mas acredito que os professores devem acolher a literatura novamente, da alfabetização aos cursos de nível superior, como mostram várias experiências pedagógicas. Na França, por exemplo, um filme recém-lançado exhibe uma peça do dramaturgo Pierre de Marivaux (1688-1763) encenada por jovens moradores de bairros pobres.

Muitos dizem que desenvolver o gosto dos jovens pela leitura é um desafio.

Certamente. Mas é papel da escola incentivar a relação dos alunos com um patrimônio cultural cujos textos servem de base para pensar a relação consigo mesmo, com os outros e o mundo. É preciso tirar proveito das novas possibilidades do mundo eletrônico e ao mesmo tempo entender a lógica de outro tipo de produção escrita que traz ao leitor instrumentos para pensar e viver melhor.



O senhor quer dizer que a Internet pode ajudar os jovens a conhecer a riqueza do mundo literário?

Sim. O essencial da leitura hoje passa pela tela do computador. Mas muita gente diz que o livro acabou, que ninguém mais lê, que o texto está ameaçado. Eu não concordo. O que há nas telas dos computadores? Texto – e também imagens e jogos. A questão é que a leitura atualmente se dá de forma, fragmentada, num mundo em que cada texto é pensado como uma unidade separada de informação. Essa forma de leitura se reflete na relação com as obras, já que o livro impresso dá ao leitor a percepção de totalidade, coerência e identidade – o que não ocorre na tela. É muito difícil manter um contato profundo com um romance de Machado de Assis no computador.

A escola se afastou da literatura, principalmente no Brasil, porque está preocupada em oferecer ao maior número possível de crianças as habilidades básicas de leitura e escrita.

Essa fragmentação dos conteúdos na Internet não afeta negativamente a formação de novos leitores?

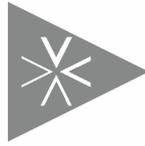
Provavelmente sim. Na Internet, não há nada que obrigue o leitor a ler uma obra inteira e a compreender em sua totalidade. Mas cabe às escolas, bibliotecas e meios de comunicação mostrar que há outras formas de leitura que não estão na tela dos computadores. O professor deve ensinar que um romance é uma obra que se lê lentamente, de forma reflexiva. E que isso é muito diferente de pular de uma informação a outra, como fazemos ao ler notícias ou um site. Por tudo isso, não tenho dúvida de que a cultura impressa continuará existindo.

As novas tecnologias não comprometem o entendimento e o sentido completo de uma obra literária?

Sim e não. A pergunta que devemos nos fazer é: o que é um texto? O que é um livro? A tecnologia reforça a possibilidade de acesso ao texto literário, mas também faz com que seja difícil apreender sua totalidade, seu sentido completo. É a mesma superfície (uma tela) que exhibe todos os tipos de texto no mundo eletrônico. É função da escola e dos meios de comunicação manter o conceito do que é uma criação intelectual e valorizar os dois modos de leitura, o digital e o papel. É essencial fazer essa ponte nos dias de hoje.

O novo suporte tecnológico pode auxiliar a leitura, mas não necessariamente o desempenho escolar.

Pesquisas realizadas em vários países mostram que o uso do computador na Educação, quando acompanhado de métodos pedagógicos, melhora, sim, o aprendizado, acelera a alfabetização e permite o domínio das regras da língua, como a ortografia e a



sintaxe. É preciso desenvolver políticas públicas que tenham por objetivo a correta utilização da tecnologia na sala de aula.

É função da escola e dos meios de comunicação manter o conceito do que é uma criação intelectual e valorizar os dois modos de leitura, o digital e o papel. É essencial fazer essa ponte nos dias de hoje.

O senhor acha que o e-paper (dispositivo eletrônico flexível como uma folha de papel) é o futuro do livro?

Os textos eletrônicos são abertos, maleáveis, gratuitos e esses aspectos são contrários aos da publicação tradicional de um texto (que pressupõe a criação de um objeto de negócio). Para ser publicado, um texto deve ser estável. Na Internet, os textos eletrônicos continuaram protegidos, ou seja, não podem ser alterados, e têm de ser comprados e descarregados no computador do usuário integralmente. Para mim, a discussão sobre o futuro dos livros passa pela oposição entre comunicação eletrônica e publicação eletrônica, entre maleabilidade e gratuidade. Ao longo da história da humanidade, acompanhamos a passagem da leitura oral para a silenciosa, a expansão dos livros e dos jornais e a transmissão eletrônica de textos.

Qual foi a mais radical?

Sem dúvida, a transmissão eletrônica. E por uma razão bastante simples: nunca houve uma transformação tão radical na técnica de produção e reprodução de textos e no suporte deles. O livro já existia antes de Gutenberg criar os tipos móveis, mas as práticas de leitura começaram lentamente a se modificar com a possibilidade de imprimir os volumes em larga escala. Hoje temos no mundo digital um novo suporte, a tela do computador, e uma nova prática de leitura, muito mais rápida e fragmentada. Ela abre um mundo de possibilidades, mas também muitos desafios para quem gosta de ler e sobretudo para os professores, que precisam desenvolver em seus alunos o prazer da leitura.

É muito fácil publicar informações falsas na Internet. Como evitar isso?

A leitura do texto eletrônico priva o leitor dos critérios de julgamento que existem no mundo impresso. Uma informação histórica publicada num livro de uma editora respeitada tem mais chance de estar correta do que uma que saiu numa revista ou num site. É claro que há erros nos livros e ótimos artigos em revistas e sites. Mas há um sistema de referências que hierarquiza as possibilidades de acerto no mundo impresso e que não existe no mundo digital. Isso permite que haja tantos plágios e informações falsas. Precisamos fornecer instrumentos críticos para controlar e corrigir informações na Internet, evitando que a máquina seja um veículo de falsificação.



A presença dos autores e livros premiados nos nossos acervos



Britânica, mas nascida na Pérsia, atual Irã, **Doris Lessing** é a 11ª mulher a receber o **Prêmio Nobel** desde que ele foi instituído, em 1901.

Filha de britânicos, Doris Lessing cresceu na Rodésia do Sul, atual Zimbábue, antiga colônia britânica que conquistou a independência em 1980.

Seu trabalho, bastante influenciado pelo tempo em que viveu na África, explora a divisão entre brancos e negros. Além de conflitos raciais, a obra da autora também aborda questões feministas e a violência contra as crianças.

A escritora fazia compras, em Londres e, ainda sem saber, chegou de táxi na sua casa e se surpreendeu ao ver tantos repórteres e cinegrafistas. “Estou há 30 anos assim. Ganhei todos os prêmios da Europa, todos eles. Fico muito feliz por vencer todos. É uma grande emoção”.

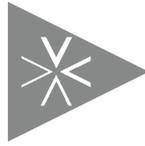
Doris Lessing nos nossos acervos

Na Biblioteca Educador EF

Amor, de novo
O sonho mais doce

Na Biblioteca do Ilha de Vera Cruz

O carnê dourado
Um casamento sem amor
O eco distante da tormenta
Memórias de um sobrevivente
A tentação de Jack Orkney



O verão antes da queda

Na MEDIATECA - Ensino Médio

O sonho mais doce



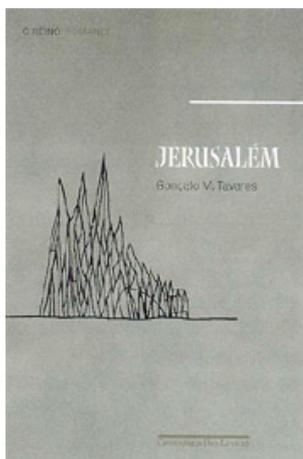
Dia 16/10, aconteceu a entrega do **Prêmio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa 2007** para o escritor português **Gonçalo M. Tavares**, autor de **Jerusalém**. O favorito, **Dalton Trevisan**, ficou em segundo lugar com o livro **Macho não ganha flor**.

Segundo João Pedro Baptista, presidente da PT Investimentos Internacionais "mais do que premiar uma excelente obra, o prêmio pretende celebrar o talento literário e a língua portuguesa na sua riqueza".

O vencedor da noite, Gonçalo Tavares, foi categórico ao defender que os prêmios literários em língua portuguesa não deveriam se limitar pelas fronteiras. "Neste aspecto os espanhóis estão bem à nossa frente, pois todos os prêmios em língua espanhola consideram o idioma e não a nacionalidade do escritor", afirmou.

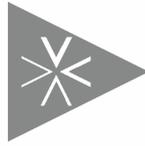
Um repórter pediu que Gonçalo comparasse a literatura portuguesa e brasileira no momento atual. A resposta saiu diplomática. "O importante é que são autores de língua portuguesa; não sou a favor de poses nacionalistas. A literatura brasileira é muito forte; a portuguesa é mais formal. O livro pode ser o que quisermos. Considero os brasileiros muito mais criativos e acho que na América Latina se faz hoje a melhor literatura do mundo".

Entre os premiados estão disponíveis no Gabinete de Leitura



Tratando de relações de dominação, desejo, repulsa e agressividade, Jerusalém costura a vida dos personagens em direção a um desenlace inesperado. Ocupados em lidar com os limites da sanidade, todos se sentem acossados por um perigo sem nome. Num estilo seco e desconcertante, Jerusalém aponta para as dimensões pessoais e coletivas do terror e expõe a capacidade humana de vigiar, oprimir e torturar.

O livro faz parte da tetralogia *O Reino*, que inclui *Um homem: Klaus Klump*, *A máquina de Joseph Walser* e um romance inédito. Além do Portugal Telecom o livro recebeu dois dos prêmios mais importantes da literatura portuguesa: o *Ler/Millennium 2004* e o *José Saramago 2005*.



THE
Man
BOOKER
PRIZE

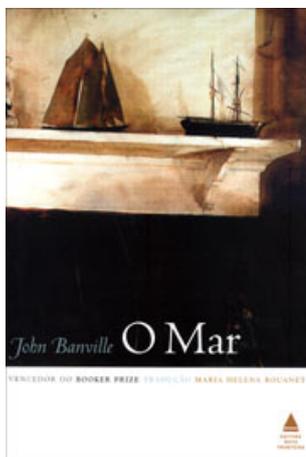


O quarto romance da irlandesa **Anne Enright**, *The Gathering*, algo como "O encontro", foi anunciado em 16/10 como o vencedor do **The Man Booker Prize** deste ano, para surpresa de quem dava como certa a escolha de Ian McEwan (*Na praia*) ou de Lloyd Jones (*O Sr. Pip*).

Anne Enright, cujas chances eram pequenas, torna-se o segundo escritor irlandês nos últimos três anos a ganhar o principal prêmio da língua inglesa - em 2005, John Banville foi premiado por *O mar*. O romance, afirmou a autora, não é recomendado para quem espera algo que "levante o astral". "Meu livro é o equivalente intelectual para o melodrama de Hollywood", disse Enright.

A autora ainda não possui obras publicadas no Brasil. Dias após a premiação, foi anunciado que a Editora Alfaguara/Objetiva irá publicar o romance premiado. Todos os romances finalistas do Booker Prize, devem ficar disponíveis em breve na Internet. Segundo Jonathan Taylor, presidente da fundação que concede o prêmio, as negociações com as editoras e o British Council, instituição que promove a cultura britânica no exterior, as negociações estão avançadas.

Das publicações acima citadas o Gabinete de Leitura possui em seu acervo:



Neste romance, vencedor de um dos prêmios mais prestigiados do mundo literário, o Booker Prize, John Banville mais uma vez constrói uma narrativa emocionante, trabalhando a linguagem como um grande artista.

Em O mar, Banville conta uma história com vários momentos, na qual o narrador, Max Morden, procura viver o presente e o futuro no passado, na busca por recuperar-se da constante presença da morte. A verdade é que tudo começou a se misturar, o passado, o futuro possível, o presente impossível.



Inglaterra, 1962. As profundas mudanças na moral e no comportamento sexual que abalariam o mundo ao longo daquela década ainda estão em estado de gestação. Edward Mayhew e Florence Ponting, ambos virgens, se instalam num hotel na praia de Chesil, perto do Canal da Mancha, para celebrar sua noite de núpcias. Ele é um rapaz recém-formado em história, de origem provinciana. A noiva é uma violinista promissora, líder de seu próprio quarteto de cordas. O desajeitado encontro íntimo desses dois jovens ainda marcados pelos resquícios da repressiva moral vitoriana é repleto de lances cômicos e comoventes, configurando uma autêntica tragicomédia de erros. "Na praia", entretanto, vai além disso. Por conta da refinada arte narrativa de Ian McEwan, o drama dos recém-casados transcende o registro particular e o retrato de época para alcançar a dimensão de uma obra universal sobre o momento da perda da inocência.